

# MEU TIO O IAUARETÊ

João Guimarães Rosa

Hum? Eh-eh... É. Nhor sim. ã-hã, quer entrar, pode entrar... Hum, hum. Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum-hum... Eh. Nhor não, n't, n't... Cavalos seu é esse só? Ixe! Cavalos tá manco, aguado. Presta mais não. Axi... Pois sim. Hum, hum. Mecê enxergou este foguinho meu, de longe? É. A'pois. Mecê entra, cê pode ficar aqui.

Hã-hã. Isto não é casa... É. Havéra. Acho. Sou fazendeiro não, sou morador... Eh, também sou morador não. Eu – toda a parte. Tou aqui, quando eu quero eu mudo. Aqui eu durmo. Hum. Nhém? Mecê é que tá falando. Nhor não... Cê vai indo ou vem vindo?

Hã, pode trazer tudo pra dentro. Erê! Mecê desarreia cavalos, eu ajudo. Mecê peia cavalos, eu ajudo... Traz alforje pra dentro, traz saco, seus dobros. Hum, hum! Pode. Mecê cipriuara, homem que veio pra mim, visita minha; iá-nhã? Bom. Bonito. Cê pode sentar, pode deitar no jirau. Jirau é meu não. Eu – rede. Durmo em rede. Jirau é do preto. Agora eu vou ficar agachado. Também é bom. Assopro o fogo. Nhem? Se essa é minha, nhem? Minha é a rede. Hum. Hum-hum. É. Nhor não. Hum, hum... Então, por que é que cê não quer abrir saco, mexer no que tá lá dentro dele? Atié! Mecê é lobo gordo... Atié... É meu, algum? Que é que eu tenho com isso? Eu tomo suas coisas não, furto não. A-hé, a-hé, nhor sim, eu quero. Eu gosto. Pode botar no coité. Eu gosto demais...

Bom. Bonito. A-hã! Essa sua cachaça de mecê é muito boa. Queria uma medida-de-litro dela... Ah, munhãmunhã: bobagem. Tou falando bobagem, munhamunhando. Tou às boas. Apê! Mecê é homem bonito, tão rico. Nhém? Nhor não. Às vez. Aperceio. Q age nunca. Sei fazer, eu faço: faço de caju, de fruta do mato, do milho. Mas não é bom, não. Tem esse fogo bom-bonito não. Dá muito trabalho. Tenho dela hoje não. Tenho nenhum. Mecê não gosta. É cachaça suja, de pobre...

ã-hã, preto vem mais não. Preto morreu. Eu cá sei? Morreu, por aí, morreu de doença. Macio de doença. É de verdade. Tou falando verdade... Hum... Camarada seu demora, chega só'ma-nhã de tarde. Mais? Nhor sim, eu bebo. Apê! Cachaça boa. Mecê só trouxe esse garrafão? Eh, eh. Camarada de mecê tá aqui'manhã, com a condução? Será? Cê tá com febre? Camarada decerto traz remédio... Hum-hum. Nhor não. Bebo chá de mato. Raiz de planta. Sei achar, minha mãe me ensinou, eu mesmo conheço. Nunca tou doente. Só pereba, ferida-brava em perna, essas ziguiziras, curuba. Trem ruim, eu sou bicho do mato.

Hum, não adianta mais percurar... Os animais foram por longe. Camarada não devia ter deixado. Camarada ruim, n't, n't! Nhor não. Fugiram depressa a' pois. Mundo muito grande: isso por aí é gerais, tudo sertão bruto, tapuitama... Manhã, camarada volta, traz outros. Hum, hum, cavalos p'los matos. Eu sei achar, escuto o caminhado deles. Escuto, com a orelha no chão. Cavalos correndo popóre... Sei acompanhar rastro. Ti... agora posso não, adianta não, aqui é muito lugaroso. Foram por longe. Onça tá comendo aqueles... Cê fica triste? É minha culpa não; é culpa minha algum? Fica triste não. Cê é rico, tem muito cavalos. Mas, esses, onça já comeu, atíuca! Cavalos chegou perto do mato, tá comido... Os macacos gritaram – então onça tá pegando...

Eh, mais, nhor sim. Eu gosto. Cachaça de primeira. Mecê tem fumo também? É fumo pra mascar, pra pitar. Mecê tem mais, tem muito? Hã-hã. É bom. Fumo muito bonito, fumo forte. Nhor sim, a' pois. Mecê quer me dar, eu quero. Apreceio. Pitume muito bom. Esse fumo é chico-silva? Hoje tá tudo muito bom, cê não acha?

Mecê quer de-comer? Tem carne, tem mandioca. Eh, oh, paçoca. Muita pimenta. Sal, tenho não. Tem mais não. Que cheira bom, bonito, é carne. Tamanduá que eu cacei. Mecê não come? Tamanduá é bom. Tem farinha, rapadura. Cê pode comer tudo, 'manhã eu caço mais, mato veado.' Manhã mato veado não: carece não. Onça já pegou cavalo de mecê, pulou nele, sangrou na veia-altéia... Bicho grande já morreu mesmo, e ela inda não larga, tá em riba dele... Quebrou cabeça do cavalo, rasgou pescoço... Quebrou? Quebroou!... Chupou o sangue todo, comeu um pedaço de carne. Depois, carregou cavalo morto, puxou pra beira do mato, puxou na boca. Tapou com folhas. Agora ela tá dormindo, no mato fechado... Pintada começa comendo a bunda, a anca. Suaçurana começa p'la pá, p'los peitos. Anta, elas duas principeiam p'la barriga: couro é grosso... Mecê 'creditou? Mas suaçurana mata anta não, não é capaz. Pinima mata; pinima é meu parente!...

Nhem? 'Manhã cedo ela volta lá, come mais um pouco. Aí, vai beber água. Chego lá, junto com os urubus... Porqueira desses, uns urubus, eles moram na Lapa do Baú... Chego lá, corto pedaço de carne pra mim. Agora, eu já sei: onça é que caça pra mim, quando ela pode. Onça é meu parente. Meus parentes, meus parentes, ai, ai, ai... Tou rindo de mecê não. Tou munhamunhando sozinho pra mim, anhum. Carne do cavalo 'manhã tá podre não. Carne de cavalo, muito boa, de primeira. Eu como carne podre não, axe! Onça também come não. Quando é suaçurana que matou, gosto menos: ela tapa tudo com areia, também suja de terra...

Café, tem não. Hum, preto bebia café, gostava. Não quero morar mais com preto nenhum, nunca mais... Macacão. Preto tem catinga... Mas preto dizia que eu também tenho: catinga diferente, catinga apra. Nhem? Rancho não é meu, não; rancho não tem dono. Não era do preto 'também, não. Buriti do rancho tá podre de velho, mas não entra chuva, só pipica um pouquim. Ixe, quando eu mudar embora daqui, toco fogo em rancho: pra ninguém mais poder não morar. Ninguém mora em riba do meu cheiro...

Mecê pode comer, paçoca é de tamanduá não. Paçoca de carne boa, tatu-hu. Tatu eu matei. Tomei de onça não. Bicho pequeno elas não guardam: comem inteirinho, ele todo. Muita pimenta, hã... Nhem? ã-hã, é, tá escuto. Lua ainda não veio. Lua tá vesprando, mais logo sobe. Hum, não tem. Tem candieiro não, luz nenhuma. Sopro o fogo. Faz mal não, rancho não pega fogo, tou olhando olho. Foguinho debaixo da rede é bom-bonito, alumeia, esquentada. Aqui tem graveto, araçá, lenha voa. Pra mim só, não carece, eu sei entender no escuro. Enxergo dentro dos matos. Ei, no meio do mato tá lumiando: vai ver, não é olho nenhum, não – é tiquira, gota d'água, resina de árvore, bicho-de-pau, aranha grande... Cê tem medo? Mecê, então, não pode ser onça... Cê não pode entender onça. Cê pode? Fala! Eu agüento calor, güento frio. Preto gemia com frio. Preto trabalhador, muito gostava. Buscava lenha, cozinhava. Plantou mandioca. Quando mandioca acabar, eu mudo daqui. Eh, essa cachaça é boa!

Nhemnhem? Eu cacei onça, demais. Sou muito caçador de onça. Vim pra aqui pra caçar onça, só pra mor de caçar onça. Nhô Nhuão Guede me trouxe pra cá. Me pagava. Eu ganhava o couro, ganhava dinheiro por onça que eu matava. Dinheiro bom: glim-glim... Só eu é que sabia caçar onça. Por isso Nhô Nhuão Guede me mandou ficar aqui, mor de

desonçar este mundo todo. Anhum, sozinho, mesmo... Araã... Vendia couro, ganhava mais dinheiro. Comprava chumbo, pólvora. Comprava sal, comprava espoleta. Eh, ia longe daqui, pra comprar tudo. Rapadura também. Eu – longe. Sei andar muito, andar ligeiro, sei pisar do jeito que a gente não cansa, pé direitinho pra diante, eu caminho noite inteira. Teve vez que fui até no boi do Urucuia... É. A pé. Quero cavalo não, gosto não. Eu tinha cavalo, morreu, que foi, tem mais não, cuéra. Morreu de doença. De verdade. Tou falando verdade... Também não quero cachorro. Cachorro faz barulho, onça mata. Onça gosta de matar tudo...

Hui! Atiê! Atimbora! Mecê não pode falar que eu matei onça, pode não. Eu, posso. Não fala, não. Eu não mato mais onça, mato não. É feio – que eu matei. Onça meu parente. Matei, montão. Cê sabe contar? Conta quatro, dez vezes, tá í: esse monte mecê bota quatro vezes. Tanto? Cada que matei, ponhei uma pedrinha na cabaça. Cabaça não cabe nem outra pedrinha. Agora vou jogar cabaça cheia de pedrinhas dentro do rio. Quero ter matado onça não. Se mecê falar que eu matei onça, fico brabo. Fala que eu não matei,, não, tá-há? Falou? A-é, ã-ã. Bom, bonito, de verdade. Mecê meu amigo!

Nhor sim, cá por mim vou bebendo. Cachaça boa, especial. Mecê bebe, também: cachaça é sua de mecê: cachacinha é remédio... Cê tá espiando. Cê quer dar pra mim esse relógio? Ah, não pode, não que, tá bom... Tá bom,dei'stá! Quero relógio nenhum não. Dei'stá. Pensei que mecê queria ser meu amigo... Hum. Hum-hum. É Hum. Quero canivete não. Quero dinheiro não. Hum. Eu vou lá fora. Cê pensa que onça não vem em beira do rancho, não come esse outro seu cavalo manco? Ih, ela vem. Ela põe a mão pra a frente, enorme. Capim mexeu redondo, balançadinho, devagarim, mansim: é ela. Vem por de dentro. Onça mão – onça pé – onça rabo... Vem calada, quer comer. Mecê carece de ter medo! Tem? Se ela urrar, eh mocanhemo, cê tem medo. Esturra – urra de engrossar a goela e afundar os vazios... Urrurrú-rrurrú... Troveja, até. Tudo treme. Bocão que cabe muita coisa, bocão duas-bocas! Apê! Cê tem medo? Bom, eu sei, cê tem medo não. Cê é querembaua, bom-bonito, corajoso. Mas então agora pode me dar canivete e dinheiro, dinheirim. Relógio quero não, tá bom, tava era brincando. Pra quê que eu quero relógio? Não careço...

Ei, eu também não sou ridico. Mecê quer couro de onça? Hã-hã, mecê tá vendo, ã-hã. Courame bonito? Tudo que eu-mesmo cacei, faz muito tempo. Esses eu não vendi mais não. Não quis. Esses aí? Cangussu macho, matei na beira do rio Sorongo. Matei com uma chuçada só, mor de não estragar couro. Eh, pajé! Macharrão machorro. Ele mordeu o cabo da zagaia, taca que ferrou marca de dente. Aquilo, ele onção virou mexer de bola, revirando, mole-mole, de relâmpago, feio feito sucuri, desmanchando o corpo de raiva, debaixo de meu ferro. Torcia, danado, braceiro, e miava, rosno bruto, inda queria me puxar pra o matinho fechado, todo de espinho... Quage pôde comigo!

Essa outra, pintada também, mas malha-larga, jaguara-pínima[1], onção que mia grosso. Matei a tiro, tava trepada em árvore. Sentada num galho da árvore. Ela tava lá, sem pescoço. Parecia que tava dormindo. Tava mas era me olhando... Me olhava até com desprezo. Nem deixei era arrebitar as orelhas: por isso, pum! – porro de fogo... Tiro na boca, mor de não estragar[2] o couro. ã-hã, inda quis agarrar de unha no ramo de baixo – cadê fôlego pra isso mais? Ficou pendurada comprida, depois caiu mesmo lá de riba, despencou, quebrou dois galhos... Bateu no chão, in, eh!

Nhem? Onça preta? Aqui tem muita, pixuna, muita. Eu matava, a mesma coisa. Hum,

hum, onça preta cruza com onça-pintada. Elas vinham nadando, uma por trás da outra, as cabeças de fora, fio-das-costas de fora. Trepei num pau, na beirada do rio, matei a tiro. Mais primeiro a macha, onça jaguetê-pinima, que vinha primeira. Onça nada? Eh, bicho nadador! Travessa rio grande, numa direitura de rumo, sai adonde é que quer... Suaçurana nada também, mas essa gosta de travessar rio não. Aquela duas de casal, que tou contando[3], foi na banda de baixo, noutra rio, sem nome nenhum, um rio sujo... A fêmea era pixuna, mas não era preta feito carvão preto: era preta cor de café. Cerquei os defuntos no raso: perdi[4] os couros não... Bom, mas mecê não fala que eu matei onça, hem? Mecê escuta e não fala. Não pode. Hã? Será? Hué! Ói, que eu gosto de vermelho! Mecê já sabe...

Bom, vou tomar um golinho. Uai, eu bebo até suar, até dar cinza na língua... Cãuinhuara! Careço de beber pra ficar alegre. Careço, pra poder prorear. Se eu não beber muito, então não falo, não sei, tou só cansado... De'stá, 'manhã mecê vai embora. Eu fico sozinho, anhum. Que me importa? Eh, esse é couro bom, da pequena onça cabeçuda. Cê quer esse? Leva. Mecê deixa o resto da cachaça pra mim? Mecê tá com febre. Devia deitar no jirau, rebuçar com a capa, cobrir com couro, dormir. Quer? Cê tira a roupa, bota relógio dentro do casco de tatu, bota o revólver também, ninguém bole. Eu vou bulir em seus trens não. Eu acendo fogo maior, fico de olho, tomo conta do fogo, mecê dorme. Casco de tatu só tem esse pedaço de sabão dentro. É meu não, era do preto. Gosto de sabão não. Mecê não quer dormir? Tá bom, não falei nada, não falei...

Cê quer saber de onça? Eh, eh, elas morrem com uma raiva, tão falando o que a gente não fala... Num dia só, eu cacei três. Eh, essa era uma suaçurana, onça vermelho-raposa, gatão de uma cor só, toda. Tava dormindo de dia, escondida no capim alto. Eh, suaçurana é custoso a gente caçar: corre muito, trepa em árvore. Vaga muito, mas ela vive no cerradão, na chapada. Pinima não deixa suaçurana viver em beira de brejo, pinima toca suaçurana embora... Carne dela eu comi. Boa, mais gostosa, mais macia. Cozinhei com jembê de caruru bravo. Muito sal, pimenta forte. Da pinima eu comia só o coração delas, mixiri, comi sapecado, moqueado, de todo o jeito. E esfregava meu corpo todo com a banha. Pra eu nunca eu não ter medo!

Nhor? Nhor sim. Muitos, muitos anos. Acabei com as onças em três lugares. Da banda dali é o rio Sucuriú, vai entrar no rio Sorongo. Lá é sertão de mata-virgem. Mas, da banda de cá é o rio Ururau, depois de vinte léguas é a Barra do Frade, já pode ter fazenda lá, pode ter gado. Matei as onças todas... Eh, aqui ninguém não pode morar, gente que não é eu. Eh, nhem? Ahã-hã... casa tem nenhuma. Casa tem atrás dos buritis, seis léguas, no meio do brejo. Morava veredeiro, seu Raoremiro. Veredeiro morreu, mulher dele, as filhas, menino pequeno. Morreu tudo de doença. De verdade. Tou falando verdade!... Aqui não vem ninguém, é muito custoso. Muito dilatado, pra vir gente. Só por muito longe, uma semana de viagem, é que vão lá, caçador rico, jaguariara, vêm todo ano, mês de agosto, pra caçar onça também.

Eles trazem cachorros grandes, cachorro onceiro. Cada um tem carabina boa, espingarda, eu queria ter uma... Hum, hum, onça não é bobo, elas fogem dos cachorros, trepam em árvore. Cachorro dobra de latir, barroa... Se a onça arranja jeito, pega o mato sujo, fechadão, eh, lá é custoso homem poder enxergar que tem onça. Acôo, acuacão – com os cachorros: ela então esbraveja, mopoama, mopoca, peteca, mata cachorro de todo lado, eh, ela pode mexer de cada maneira. ã-hã... Esperando deitada, então, é o jeito mais perigoso: quer matar ou morrer de todo... Eh, ronca feito porco, cachorro chega nela não. Não vem nada. Um tapa, chega! Tapão, tapeja... Ela vira e pula de lado, mecê

não vê de onde ela vem... Zuzune. Mesmo morrendo, ela ainda mata cachorrão. É cada urro, cada rosnado. Arranca a cabeça do cachorro. Mecê tem medo? Vou ensinar, hem; mecê vê do lado de onde não tá vindo o vento – aí mecê vigia, porque daí é que onça de repente pode aparecer, pular em mecê... Pula de lado, muda o repulo no ar. Pula em-cruz. É bom mecê aprender. É um pulo e um despulo. Orelha dela repinica,, cataca, um estalinho, feito chuva de pedra. Ela vem fazendo atalhos. Cê já viu cobra? Pois é, Apê! Poranga suú, suú, jucá-jucá... Às vez faz um barulhinho, piriri nas folhas secas, pisando nos gravetos, , eh, eh – passarinho foge. Capivara dá um grito, de longe cê ouve: au! – e pula n'água, onça já tá aqui perto. Quando pinima vai saltar pra comer mecê, o rabo dela encurveia com a ponta pra riba, depois concerta firme. Esticadinha: a cabeça dá de maior, pra riba, quando ela escancara a boca, as pintas ficam mais compridas, os olhos vão pra os lados, reprega a cara. Ói: a boca – ói: a bigodeira salta... Língua lá redobrada de lado... Abre os braços, já tá mexendo pra pular: demora nas pernas – ei, ei – nas pernas de trás... Onça açuada, vira demônio, senta no chão, quebra pau, espedaça. Ela levanta, fica em pé. Quem chegou, tá rebentado. Eh, tapa de mão de onça é pior que porrete... Mecê viu a sombra? Então mecê tá morto... Ah, ah, ah... Ã, ã-ã-ã... Tem medo não, eu tou aqui.

A' pois, eu vou bebendo, mecê não importa. Agora é que tou alegre! Eu cá também não sou sovina, de-comer e cachaça é pra se gastar logo, enquanto que a gente tem vontade... É bom é encher barriga. Cachaça muito boa, tava me fazendo falta. Eh, lenha ruim, mecê tá chorando dos olhos, com essa fumaceira... Nhem? É, mecê é quem tá falando. Eu acho triste não. Acho bonito não. É, é como é, mesmo, que nem todo lugar. Tem caça boa, poço bom pra a gente nadar. Lugar nenhum não é bonito nem feio, não é pra ser. Lugar é pra a gente morar, vim pra aqui pago pra matar onça. Agora mato mais não, nunca mais. Mato capivara, lontra, vendo o couro. Nhor sim, eu gosto de gente, gosto. Caminho, ando longe, pra encontrar gente, à vez. Eu sou corredor, feito veado do campo...

Tinha uma mulher casada, na beira do chapadão, barra do córrego da Veredinha do Xunxum. Lá passa caminho, caminho de fazenda. Mulher muito boa, chamava Maria Quirinéia. Marido dela era doido, seo Siruvéio, vivia seguro com corrente pesada. Marido falava bobagem, em noite de lua incerta ele gritava bobagem, gritava, nheengava... Eles morreram não. Morreram todos dois de doença não. Eh, gente...

Cachacinha gostosa! Gosto de bochechar com ela, beber despois. Hum-hum. Ããã... Aqui, roda a roda, só tem eu e onça. O resto é comida pra nós. Onça, elas também sabem de muita coisa. Têm coisas que ela vê, e a gente vê não, não pode. Ih! tanta coisa... Gosto de saber muita coisa não, cabeça minha pega a doer. Sei só o que onça sabe. Mas, isso, eu sei, tudo. Aprendi. Quando vim pra aqui, vim ficar sozinho. sozinho é ruim, a gente fica muito judiado. Nhô Nhuão Guede homem tão ruim, trouxe a gente pra ficar sozinho. Atié! Saudade de minha mãe, que morreu, cacyara. Araã... Eu nhum – sozinho... Não tinha emparamento nenhum...

Aí, eu aprendi. Eu sei fazer igual onça. Poder de onça é que não tem pressa: aquilo deita no chão, aproveita o fundo bom de qualquer buraco, aproveita o capim, percura o escondido de detrás de toda árvore, escorrega no chão, mundéu-mundéu, vai entrando e saindo, maciinho, pô-pu, pô-pu, até pertinho da caça que quer pegar. Chega, olha, olha, não tem licença de cansar de olhar, eh, tá medindo o pulo. Hã, hã... Dá um bote, às vezes dá dois. Se errar, passa fome, o pior é que morre de vergonha... Aí, vai pular: olha demais de forte, olha para fazer medo, tem pena de ninguém... Estremece de diante pra trás,

arruma as pernas, toma o açoite, e pula pulão! – é bonito...

Ei, quando tá em riba do pobre do veado, no tanto de matar, cada bola que estremece no corpo dela a fora, até ela, as pintas, brilham mesmo mais, as pernas ajudam, eh, perna dobrada gorda que nem de sapo, o rabo enrosca: coisa que ela aqui e ali parece chega vai arrebentar, o pescoço acompridado... Apê! Vai matando, vai comendo, vai... Carne de veado estrala. Onça urra alto, de tarará, o rabo ruim em pé, ela unha forte, ôi, unhas de fora, urra outra vez, chega. Festa de comer e beber... Se é coelho, bichinho pequeno, ela comeu até às juntas: engolindo tudo, mucunando, que mal deixou os ossos. Barrigada e miúdos, ela gosta não...

Onça é bonito! Mecê já viu? Bamburral destremece um pouco, estremeceuzinho à-toinha: é uma, é uma, eh, pode ser... Cê viu depois – ela evém caminhando, de barriga cheia? ã-hã! Que vem de cabeça abaixada, evém andando devagar: arruma as costas, cocurute, levanta um ombro, levanta o outro, cada apá, cada anca redondosa... Onça fêmea mais bonita é Maria-Maria... Eh, mecê quer saber? Não, isso eu não conto. Conto não, de jeito nenhum... Mecê quer saber muita coisa!

Me deixaram aqui sozinho, eu nhum. Me deixaram pra trabalhar de matar, de tigreiro. Não deviam. Nhô Nhuão Guede não devia. Não sabiam que eu era parente delas? Oh ho! Oh ho! Tou amaldiçoando, tou desgraçando, porque matei tanta onça, por que é que eu fiz isso?! Sei xingar, sei. Eu xingo! Tiss, n't, n't!... Quando tou de barriga cheia não gosto de ver gente, não, gosto de lembrar de ninguém: fico com raiva. Parece que eu tenho de falar com a lembrança deles. Quero não. Tou bom, tou calado. Antes, de primeiro, eu gostava de gente. Agora eu gosto é só de onça. Eu apreceio o bafo delas... Maria-Maria – onça bonita, cangussu, boa-bonita,

Ela é nova. Cê olha, olha – ela acaba de comer, tosse, mexe com os bigodes, eh, bigode duro, branco, bigode pra baixo, faz cócega em minha cara, ela muquirica tão gostoso. Vai beber água. O mais bonito que tem é onça Maria-Maria esparramada no chão, bebendo água. Quando eu chamo, ela acode. Cê quer ver? Mecê tá tremendo, eu sei. Tem medo não, ela não vem não, vem só se eu chamar. Se eu não chamar, ela não vem. Ela tem medo de mim também, feito mecê...

Eh, este mundo de gerais é terra minha, eh, isto aqui – tudo meu. Minha mãe haveria de gostar... Quero todo o mundo com medo de mim. Mecê não, mecê é meu amigo... Tenho outro amigo nenhum. Tenho algum? Hum. Hum, hum... Nhem? Aqui mais perto tinha só três homens, geralistas, uma vez, beira da chapada. Aqueles eram criminosos fugidos, jababora, vieram viver escondidos aqui. Nhem? Como é que chamavam? Pra quê é que mecê carece de saber? Eles eram seus parentes? Axi! Geralista, um chamava Gugué, era meio gordo; outro chamava Antunias – aquele tinha dinheiro guardado! O outro era seo Riopôro, homem zangado, homem bruto: eu gostava dele não...

O quê que eles faziam? ã-hã... Jababora pesca, caça, plantam mandioca; vão vender couro, compram pólvora, chumbo, espoleta, trem bom... Eh, ficam na chapada, na campina. Terra lá presta não. Mais longe daqui, no Cachorro Preto, tem muito jababora – mecê pode ir lá, espisar. Esses tiram leite de mangabeira. Gente pobre! Nem não têm roupa mais pra vestir, não... Eh, uns ficam nu de todo. Ixe... Eu tenho roupa, meus panos, calumbé.

Nhem? Os três generalistas? Sabiam caçar onça não, tinham medo, muito. Capaz de caçar onça com zagaia não, feito eu caço. A gente berganhava fumo por sal, conversava[1], emprestava pedaço de rapadura. Morreram, eles três, morreu tudo, tudo – cuéra. Morreram de doença, eh, eh. De verdade. Tou falando verdade, tou brabo!

Com minha zagaia? Mato mais onça não. Não falei? Ah, mas eu sei. Se quiser, mato mesmo! Como é que é? Eu espero. Onça vem. Heeé! Vem anda andando, ligeiro, cê não vê o vulto com esses olhos de mecê. Eh, rosna, pula não. Vem só bracejando, gatinhando rente. Pula nunca, não. Eh – ela chega nos meus pés, eu encosto a zagaia. Erê! Encosto a folha da zagaia, ponta no peito, no lugar que é. A gente encostando qualquer coisa, ela vai deita, no chão. Fica querendo estapear ou pegar as coisas, quer se abraçar com tudo. Fica empezinha, às vez. Onça mesma puxa a zagaia pra a ponta vir nela. Eh, eu enfio... Ela bloqueia logo. Sangue sai vermelho, outro sai quage preto... Curuz, pobre da onça, coitada, sacapira da zagaia entrando lá nela... Teité... Morrer picado de faca? Hum-hum, Deus me livre... Palpar o ferro chegar entrando no vivo da gente... Atiúca! Cê tem medo? Eu tenho não. Eu sinto dor não...

Hã, hã, cê não pensa que é assim vagaroso, manso, não. Eh, heé... Onça sufoca de raiva. Debaixo da zagaia, ela escorrega, ciririca, forceja. Onça é onça – feito cobra... Revira pra todo o lado, mecê pensa que ela é muitas, tá virando outras. Eh, até o rabo dá pancada. Ela enrosca, enrola, cambalhota, eh, dobra toda, destorce, encolhe... Mecê não tá costumado, nem não vê, não é capaz, resvala... A força dela, mecê não sabe! Escancara boca, escarra medonho, tá rouca, tá rouca. Ligeiriza dela é doida. Puxa mecê pra baixo. Ai, ai, ai... Às vez inda foge, escapa, some no bamburral, danada. Já na derradeira, e inda mata, vai matando... Mata mais ligeiro que tudo. Cachorro descuidou, mão de onça pegou ele por detrás, rasgou a roupa dele toda... Apê! Bom, bonito. Eu sou onça... Eu – onça!

Mecê acha que eu pareço onça? Mas tem horas em que eu pareço mais. Mecê não viu. Mecê tem aquilo – espelhim, será? Eu queria ver minha cara... Tiss, n't, n't... Eu tenho olho forte. Eh, carece de saber olhar a onça, encarado, olhar com coragem: hã, ela respeita. Se você olhar com medo, ela sabe, mecê então tá mesmo morto. Pode ter medo nenhum. Onça sabe que mecê é, sabe o que tá sentindo. Isso eu ensino, mecê aprende. Hum. Ela ouve tudo, enxerga todo movimento. Rastrear, onça não rastreia. Ela não tem faro bom, não é cachorro. Ela caça é com os ouvidos. Boi soprou no sono, quebrou um capinzinho: daí a meia língua onça sabe... Nhor não. Onça não tocaia de riba de árvore não. Só suaçurana é que vai de árvore em árvore, pegando macaco. Suaçurana pula pra riba de árvore; pintada não pula, não: pintada sobe direito, que nem gato. Mecê já viu? Eh, eh, eu trepo em árvore, tocaio. Eu, sim. Espiar de lá de riba é melhor. Ninguém não vê que eu tou vendo... Escorregar no chão, pra vir perto da caça, eu aprendi melhor foi com onça. Tão devagarim, que a gente não abala que tá avançando do lugar... Todo movimento da caça a gente tem que aprender. Eu sei como é que mecê mexe mão, que cê olha pra baixo ou pra riba, já sei quanto tempo mecê leva pra pular, se carecer. Sei em que perna primeiro é que mecê levanta...

Mecê quer sair lá fora? Pode ir. Vigia a lua como subiu: com esse luar grande, elas tão caçando, noite clara. Noite preta, elas caçam não; só de tardinha no escurecer, e quando é em volta de madrugada... De dia, todas ficam dormindo, no tabocal, beira de brejo, ou no escuro do mato, em touceiras de gravatá, no meio da capoeira... Nhor não, neste tempo quage que onça não mia. Vão caçar caladas. Pode passar uma porção de dias, que mecê não escuta nem um miado só... Agora, fez barulho foi sariema culata... Hum-hum. Mecê entra. Senta no jirau. Quer deitar na rede? Rede é minha, mas eu deixo. Eu asso

mandioca, pra mecê. A'bom. Então vou tomar mais um golinho. Se deixar, eu bebo até no escorropicho. N't, m'p, aah...

Donde foi que aprendi? Aprendi longe destas terras, por lá tem outros homens sem medo, quage feito eu. Me ensinaram, com zagaia. Uarentin Maria e Gugué Maria – dois irmãos. Zagaia que nem esta, cabo de metro e meio, travessa boa, bom alvado. Tinha Nhô Inácio também, venho Nhuão Inácio: preto esse, mas preto homem muito bom, abaeté abaúna. Nhô Inácio, zagaieiro mestre, homem desarmado, só com azagaia, zagaia muito velha, ele brinca com onça. Irmão dele, Rei Inácio, tinha trabuco...

Nha-hem? Hã-hã. É porque onça não contava uma pra outra, não sabem que eu vim pra mor de acabar com todas. Tinham dúvida em mim não, farejam que eu sou parente delas... Eh, onça é meu tio, o jaguretê, todas. Fugiam de mim não, então eu matava... Depois, só na hora é que ficavam sabendo, com muita raiva... Eh, juro pra mecê: matei mais não! Não mato. Posso não, não devia. Castigo veio: fiquei panema, caipora[1]... Gosto de pensar que matei, não. Meu parente, como é que posso?! Ai, ai, ai, meus parentes... Careço de chorar, senão elas ficam com raiva.

Nhor sim, umas já me pegaram. Comeram pedaço de mim, olha. Foi aqui nos gerais não. Foi no rio de lá, outra parte. Os outros companheiros erraram o tiro, ficaram com medo. Eh, pinima malha-larga veio no meio de pessoal, rolou com a gente, todos. Ela ficou doida. Arrebentou a tampa dos peitos de um, arrancou o bofe, a gente via o coração dele lá dentro, lá nele, batendo, no meio de montão de sangue. Arriou o couro da cara de um outro homem – Antonio Fonseca. Riscou esta cruz em minha testa, rasgou minha perna, unha veio funda, esbandalha, muçuruca, dá ferida-brava. Unha venenosa, não é afiada fina não, por isso é que estraga, azanga. Dente também. Pa! Iá, eh, tapa de onça pode tirar zagaia da mão do zagaieiro... Deram nela mais de trinta pra quarenta facadas! Hum, cê tivesse lá, cê agora tava morto... Ela matou quage cinco homens. Tirou a carne toda do braço do zagaieiro, ficou o osso, com o nervo grande e a veia esticada... Eu tava escondido atrás da palmeira, com a faca na mão. Pinima me viu, abraçou comigo, eu fiquei por baixo dela, misturados. Hum, o couro dela é custoso pra se firmar, escorrega, que nem sabão, pepego de quiabo, destremece a torto e a direito, feito cobra mesmo, eh, cobra... Ela queria me estraçalhar, mas já tava cansada, tinha gastado muito sangue. Segurei a boca da bicha, ela podia mais morder não. Unhou meu peito, desta banda de cá tenho mais maminha não. Foi com três mãos! Rachou meu braço, minhas costas, morreu agarrada comigo, das facadas que já tinham dado, derramou o sangue todo... Munhuaçá de onça! Tinha babado em minha cabeça, cabelo meu ficou fedendo aquela catinga, muitos dias, muitos dias...

Hum, hum. Nhor sim. Elas sabem que eu sou do povo delas. Primeira que eu vi e não matei, foi Maria-Maria. Dormi no mato, aqui mesmo perto, na beira de um foguinho que eu fiz. De madrugada, eu tava dormindo. Ela veio. Ela me acordou, tava me cheirando. Vi aqueles olhos bonitos, olho amarelo, com as pintinhas pretas bubuiando bom, adonde aquela luz... Aí eu fingi que tava morto, podia fazer nada não. Ela me cheirou, cheira-cheirando, pata suspendida, pensei que tava percurando meu pescoço. Urucuera piou, sapo tava, tava, bichos do mato, aí eu escutando, toda a vida... Mexi não. Era um lugar fofo prazível, eu deitado no alecrinzinho. Fogo tinha apagado, mas ainda quentava calor de borralho. Ela chega esfregou em mim tava me olhando. Olhos dela encostavam um no outro, os olhos lumiavam – pingo, pingo: olho brabo, pontudo, fincado, botam na gente, quer munguitar: tira mais não. Muito tempo ela não fazia nada também. Depois botou mãozona em riba de meu peito, com muita fineza. Pensei – agora eu tava morto: porque



ela viu que meu coração tava ali. Mas ela só calcava de leve, com uma mão, afogado com a outra, de sossoca, queria me acordar. Eh, eh, eu fiquei sabendo... Onça que era onça – que ela gostava de mim, fiquei sabendo... Abri os olhos, encarei. Falei baixinho: -“Ei, Maria-Maria... Carece de caçar juízo, Maria-Maria...” Eh, ela rosou e gostou, tornou a se esfregar em mim, mião-mia. Eh, ela falava comigo, jaguanhenhém, jaguanhém... Já tava de rabo duro, sacudindo, sacê-sacemo, rabo de onça sossega quage nunca: ã, ã. Vai, ela saiu, fou pra me espiar, meio de mais longe, ficou agachada. Eu não mexi de como era que tava, deitado de costas, fui falando com ela, e encarando, sempre, dei só bons conselhos. Quando eu parava de falar, ela miava piado – jaguanhenhém... Tava de barriga cheia, lambia as patas, lambia o pescoço. Testa pintadinha, tiquira de aruvalhinho em redor das ventas... Então deitou encostada em mim, o rabo batia bonzinho na minha cara... Dormiu perto. Ela repuxa o olho, dormindo. Dormindo e redormindo, com a cara na mão, com o nariz do focinho encostado numa mão... Vi que ela tava secando leite, vi o cinhim dos peitinhos. Filhotes dela tinham morrido, sei lá de quê. Mas agora, ela vai ter filhotes nunca mais, não, ara! – vai não...

Nhem? Depois? Depois ela dormiu, uê. Roncou com a cara virada pra uma banda, amostrava a dentaria braba, encostando as orelhas pra trás. Era por causa que uma suaçurana, que vinha vindo. Suaçurana clara, maçaroca. Suaçurana esbarrou. Ela é a pior, bicho maldoso, sangradeira. Vi aquele olho verde, olhos dela, de luz também, redondados, parece que vão cair. Hum-hum, Maria-Maria roncou, suaçurana foi saindo, saindo.

Eh, catu, bom, bonito, porã-poranga! – melhor de tudo. Maria-Maria solevantou logo, botava as orelhas espetadas pra diante. Eh, foi indo devagar, no diário dela, andar que mecê pensa que é pesado, mas se ela vira pra ligeiro, leviano, é só carecer. Ela balança bonito, jerejereba, fremosa, porção de pêlo, mão macia... Chegou no pau de peroba, empinada, fincou as unhas, riscou de riba pra baixo, taba amolando fino, unhando perobão. Depois foi no ipê-branco. Deixou marcado, mecê pode ir ver adonde é que ela faz.

Aí, se quisesse, podia matar. Quis não. Como é que ia querer matar Maria-Maria? Também, eu nesse tempo eu já tava triste, triste, eu aqui sozinho, eu nhum, e mais triste e caipora de ter matado onças, eu tava até amorviado. Dês que esse dia, matei mais nenhuma não, só que a derradeira que matei foi aquela suaçurana, fui atrás dela. Mas suaçurana não é meu parente, parente “meu” é a onça preta e pintada... Matei a tal, em quando que o sol ’manheceu. Suaçurana tinha comido um veadinho catingueiro. Acabei com ela mais foio de raiva, por causa que ali donde eu tava dormindo era adonde lugar que ela vinha lá fazer sujeira, achei, no bamburral, tudo estrume. Eh, elas tapam, com terra, mas o macho tapa menos, macho é mais porco...

Ã-hã. Maria-Maria é bonita, mecê devia de ver! Bonita mais do que alguma mulher. Ela cheira à flor de pau-d’alho na chuva. Ela não é grande demais não. É cangussu, cabeçudinha, afora as pintas ela é amarela, clara, clara. Tempo de seca, elas inda tão mais claras. Pele que brilha, macia, macia. Pintas, que nenhuma não é preta mesmo preta, não: vermelho escuronas, assim ruivo roxeado. Tem não? Tem de tudo. Mecê já comparou as pintas e argolas delas? Cê conta, pra ver: vareia tanto, que duas mesmo iguais cê não acha, não... Maria-Maria tem montão de pinta miúda. Cara mascarada, pequetita, bonita, toda sarapintada, assim, assim. Uma pintinha em cada canto da boca, outras atrás das orelhinhas... Dentro das orelhas, é branquinho, algodão empuxado. Barriga também. Barriga e por debaixo do pescoço, e no por de dentro das pernas. Eu posso fazer festa,

tempão, ela apreceia... Ela lambe minha mão, lambe mimoso, do jeito que elas sabem pra alimpar o sujo de seus filhotes delas; se não, ninguém não agüentava o rapo daquela língua grossa, aspra, tem lixa pior que a de folha de sambaíba; mas, senão, como é que ela lambe, lambe, e não rasga com a língua o filhotinho dela?

Nhem? Ela ter macho, Maria-Maria?! Ela tem macho não. Xô! Pa! Atimbora! Se algum macho vier, eu mato, mato, mato, pode ser meu parente o que for!

A' bom, mas agora mecê carece de dormir. Eu também. Ói: muito tarde. Seju~u já tá alto, olha as estrelinhas dele... Eu vou dormir não, tá quage em hora d'eu sair por aí, todo dia eu levanto cedo, muito em antes do romper da aurora. Mecê dorme. Por que é que não deita? – fica só acordado me perguntando coisas, depois eu respondo, depois cê pergunta outra vez outras coisas? Pra quê? Daí, eh, eu bebo sua cachaça toda. Hum, hum, fico bêbado não. Fico bêbado só quando eu bebo muito, muito sangue... Cê pode dormir sossegado, eu tomo conta, sei ter olho em tudo. Tou vendo, cê tá com sono. Ói, se eu quero eu risco dois redondos no chão – pra ser seus olhos de mecê – depois piso em riba, cê dorme de repente... Ei, mas mecê também é corajoso capaz de encarar homem. Mecê tem olho forte. Podia até caçar onça... Fica quieto. Mecê é meu amigo.

Nhem? Nhor não, disse não sei não. Sei só de onça. Boi, sei não. Boi pra comer. Boi fêmea, boi macho, marruá. Meu pai sabia. Meu pai era bugre índio não, meu pai era homem branco, branco feito mecê, meu pai Chico Pedro, mimbauamanhanaçara, vaqueiro desses, homem muito bruto. Morreu no Tungo-Tungo, nos gerais de Goiás, fazenda da Cachoeira Brava. Mataram. Sei dele não. Pai de todo o mundo. Homem burro.

Nhor? Hã, hã, nhor sim. Ela pode vir aqui perto, pode vir rodear o rancho. Tão por aí, cada onça vive sozinha por seu lado, quage o ano todo. Tem casal morando sempre junto não, só um mês, algum tempo. Só jaguatirica, gato-do-mato grande, é que vive par junto. Ih, tem muitas, montão. Eh, isto aqui, agora eu não mato mais: é jaguaretama, terra de onças, por demais... Eu conheço, sei delas todas. Pode vir nenhuma pra cá mais não – as que moram por aqui não deixam, senão acabam com a caça que há. Agora eu não mato mais não, agora elas todas têm nome. Que eu botei? Axi! Que eu botei, só não, eu sei que era mesmo o nome delas. Atiá... Então, se não é, como é que mecê quer saber? Pra quê mecê tá perguntando? Mecê vai comprar onça? Vai prosear com onça, algum? Teité... Axe... Eu sei, mecê quer saber, só se é pra ainda ter mais medo delas, tá-há?

Hã, a'bom. Ói: em uma covoca da banda dali, aqui mesmo pertinho, tem a onça Mopoca, cangussu fêmeo. Pariu tarde, tá com filhote novo, jaguaraim. Mopoca, onça boa mãe, tava sempre mudando com os filhos, carregando oncinha na boca. Agora sossegou lá, lugar bom. Nem sai de perto, nem come direito. Quage não sai. Sai pra beber água. Pariu, tá magra, magra, tá sempre com sede, toda a vida. Filhote, jaguaraim, cachorrinho-onço, oncinho, é dois, tão aquelas bolotas, parece bicho-de-pau-podre, nem saber mexer direito. A Mopoca tem leite muito, oncim mama o tempo todo...

Nhá-em? Eh, mais outras? Ói: mais adiante, no ruma mesmo, obra de cinco léguas, tá a onça pior de todas, a Maramonhangara, ela manda, briga com as outras, entesta. Da outra banda, na beirada do brejo, tem a Porreteira, malha-larga, enorme, só mecê vendo o mazo dela, as unhas, mão chata... Mais adiante, tem a Tatacica, preta, preta, jaguaretê-pixuna... é de perna comprida, é muito braba. Essa pega muito peixe... Hem, outra preta? A Uinhua, que mora numa soroca boa, buraco de cova no barranco, debaixo de raizão de gameleira... Tem a Rapa-Rapa, pinima velha, malha larga, ladina: ela sai daqui, vai caçar

até a umas vinte léguas, tá em toda a parte. Rapa-Rapa tá morando numa lapinha – onça gosta muito da lapa, apreceia... A Mpu, mais a Nhã-ã, é que foram tocadas pra longe daqui, as outras tocaram, por o de-comer não chegar... Eh, elas mudam muito, de lugar de viver, por via disso... Sei mais delas não, tão aqui mais não. Cangussu braba é a Tibitaba – onça com sobranças: mecê vê, ela fica de lá, deitada em riba de barranco, bem na beirada, as mãos meio penduradas, mesmo... Tinha outras, tem mais não: a Coema-Piranga, vermelhona, morreu engasgada com osso, danada... A onça Putuca, velha, velha, com costela alta, vivia passando fome, judiação de fome, nos matos... Nhem? Hum, hum, Maria-Maria eu falo adonde ela mora não. Sei lá se mecê quer matar?! Sei lá nada...

Hã-hã. E os machos? Muito, ih, montão. Se mecê vê o Papa-Gente: macharrão malha-larga, assustando de grande... Cada presa de riba que nem quicé carniceira, suja de amarelado, eh, tabaquista! Tem um, Puxuêra, também tá velho: dentão de trás, de cortar carnaça, já tá gastado, roído. Suú-Suú é jaguretê-pixuna, preto demais, tem um esturro danado de medonho, cê escuta, cê treme, treme, treme... Ele gosta da onça Mapoca. Apiponga é pixuna não, é o macho pintado mais bonito, mecê não vê outro, o narizão dele. Mais é o que tá sempre gordo, sabe caçar melhor de todos. Tem um macho cangussu, Petecaçara, que tá meio maluco, ruim do miolo, ele é que anda só de dia, vagueia, eu acho que esse é o que parece com o boca-torta... Uitauêra é um, Uatauêra é outro, eles são irmãos, eh, mas eu é que sei, eles nem não sabem...

A'bom, agora chega. Proseio não. Se não, 'manhece o dia, mecê não dormiu, camarada vem com os cavalos, mecê não pode viajar, tá doente, tá cansado. Mecê agora dorme. Dorme? Quer que eu vou embora pra mecê dormir aqui sozinho? Eu vou. Quer não? Então eu converso mais não... Fico calado, calado. O rancho é meu. Hum. Hum-hum. Pra quê mecê pergunta, pergunta, e não dorme? Sei não. Suaçurana tem nome não. Suaçurana parente meu não, onça medrosa. Só o lombo-preto é que é braba. Suaçurana ri com os filhotes. Eh, ela é vermelha, mas os filhotes são pintados... Hum, agora eu vou conversar mais não, proseio não, não atijo o fogo. Dei'stá! Mecê dorme, será? Hum. É Hum-hum. Nhor não. Hum... Hum-hum... Hum...

Nhem? Camarada traz outro garrafão? Mecê me dá? Hã-hã... Ããã... apê! Mecê quer saber? Eu falo. Mecê bom-bonito, meu amigo meu. Quando é que elas casam? Ixe, casar é isso? Porqueira... Mecê vem cá no fim do frio, quando ipê tá de flor, mecê vê. Elas ficam aluadas. Assanham, urram, urram, miando e roncando o tempo todo, quage nem caçam pra mor de comer, ficam magras, saem p'los matos, fora do sentido, mijam por toda a parte, caruca que fede feio, forte... Onça fêmea saída mia mais, miado diferente, miado bobo. Ela vem com o pêlo do lombo rupeiado, se esfregando em árvores, deita no chão, vira de barriga pra riba, aruê! É só arrú-arrú... arrarrúuuu... Mecê foge, logo: se não, nesse tempo, mecê tá comido, mesmo...

Macho vem atrás, caminha légua e mais légua. Vem dois? Vem três? Eh, mecê não queira ver a briga deles, não... Pêlo deles voa longe. Aí, depois, um sozinho fica com a fêmea. Então é que é. Eles espirram. Ficam chorando, 'garram de chorar e remiar, noite inteira, rolam no chão, sai briga. Capim acaba amassado, bamburral baixo, moita de mato achatada no chão, eles arrancam touceiras, quebram galhos. Macho fica zureta, encoscora o corpo, abre a goela, hi, amostra as presas. Ói: rabo duro, batendo com força. Cê corre, foge. Tá escutando? Eu – eu vou no rastro. É cada peção grande, rastro sem unhas... Eu vou. Um dia eu não volto.

Eh, não, o macho e a fêmea vão caçar juntos não. Cada um pra si. Mas eles ficam companheiros o dia todo, deitados, dormindo. Cabeça encostada um no outro. Um virado pra

uma banda, a outra pra a outra... Ói: onça Maria-Maria eu vou trazer pra cá, deixo macho nenhum com ela não. Se eu chamar ela vem. Mecê quer ver? Cê não atira nela com esse revólver seu, não? Ei, quem sabe revólver seu tá panema, hã? Deixa eu ver. Se 'tiver panema, eu dou jeito... Ah, cê não quer não? Cê deixa eu pegar em revólver seu não? Mecê já fechou os olhos três vezes, já abriu a boca, abriu a boca. Se eu contar mais, cê dorme, será?

Eh, quando elas criam eu acho o ninho. Soroca muito escondida, no mato pior, buracão em grotá. No entrançado. Onça mãe vira demônio. De primeiro, quando eu matava onça, esperava seis meses, mode não deixar os filhotes à míngua. Matava a mãe, deixava filhote crescer. Nhem? Tinha dó não, era só pra não perder paga, e o dinheiro do couro... Eh, sei miar que nem filhote, onça vem desesperada. Tinha onça com ninhada dela, jaguetê-pixuna, muito grande, muito bonita, muito feia. Miei, miei, jaguarainhém, jaguaranhinhém... Ela veio maluca, com um ralhado cochichado, não sabia pra adonde ir. Eu miei aqui de dentro do rancho, pixuna mãe chegou até aqui perto, me pedindo pra voltar pra o ninho. Ela abriu a mão ali... Quis matar não, por não perder os filhotes, desperdiçar. Esbarrei de miar, dei um tiro à-toa. Pixuna correu de volta, ligeiro, se mudou, levou suas crias dela pra daí meia légua, arranjou outro ninho, no mato do brejo. Filhotes dela eram pixunas não, eram oncinhas pintadas, pinima... Ela ferra cada cria p'lo couro da nuca, vai carregando, pula barranco, pula moita... Eh, bicho burro! Mas mecê pode falar que ela é burra não, eh. Eu posso.

Nhor sim. Tou bebendo sua cachaça de mecê toda. É, foguinho bom, ela esquenta corpo também. Tou alegre, tou alegre... Nhem? Sei não, gosto de ficar nu, só de calça velha, faixa na cintura. Eu cá tenho couro duro. ã-hã, mas tenho roupa guardada, roupa boa, camisa, chapéu bonito. Boto, um dia, quero ir em festa, muita. Calçar botina quero não: não gosto! Nada no pé, gosto não, mundéu, ixé! Iá. Aqui tem festa não. Nhem? Missa, não, de jeito nenhum! Ir pra o céu eu quero. Padre, não, missionário, não, gosto disso não, não quero conversa. Tenho medalhinha de pendurar em mim, gosto de santo. Tem? São Bento livra a gente de cobra... Mas veneno de cobra pode comigo não – tenho chifre de veado, boto, sara. Alma de defunto tem não, tagoaíba, sombração, aqui no gerais tem não, nunca vi. Tem o capeta, nunca vi também não. Hum-hum...

Nhenhém? Eu cá? Mecê é que tá perguntando. Mas eu sei porque é que tá perguntando. Hum. ã-hã, por causa que eu tenho cabelo assim, olho miudinho... É. Pai meu, não. Ele era branco, homem índio não. A' pois, minha mãe era, ela muito boa. Caraó, não. Péua, minha mãe, gentio Tacunapéua, muito longe daqui. Caraó, não: caraó medroso, quage todos tinham medo de onça. Mãe minha chamava Mar'Iara Maria, bugra. Depois foi que morei com caraó, morei com eles. Mãe boa, bonita, me dava comida, me dava de-comer muito bom, muito, montão... Eu já andei muito, fiz viagem. Caraó tem chuço, só um caraó sabia matar onça com chuço. Auá? Nhoaquim Pereira Xapudo, nome dele também era Quim Crenhe, esse tinha medo de nada, não. Amigo meu! Arco, frecha, frecha longe. Nhem? Ah, eu tenho todo nome. Nome meu minha mãe pôs: Bacuriquirepa. Breó. Beró, também. Pai meu me levou para o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tonico, bonito, será? Artonho de Eiesus... Depois me chamavam de Macuncozo, nome era de um sítio que era de outro dono, é – um sítio que chamavam de Macuncozo... Agora, tenho nome nenhum, não careço. Nhô Nhuão Guede me chamava de Tonho Tigreiro. Nhô Nhuão Guede me trouxe pr'aqui, eu nhum, sozim. Não devia! Agora tenho nome mais não...

Nhã-hem, é barulho de onça não. Barulho de anta, ensinando filhote a nadar. Muita anta, por aqui. Carne muito boa. Dia quente, anta fica pensando tudo, sabendo tudo dentro d'água. Nhem? Eh, não, onça pinima come anta, come todas. Anta briga não, anta corre, foge. Quando onça pulou nela, ela pode correr carregando a onça não, jeito nenhum que não pode,

não é capaz. Quando pinima pula em anta, mata logo, já matou. Jaguarê sangra a anta. Ói, noite clara, boa pra onça caçar!

Nhor não. Isso é zoeira de outros bichos, curiango, mãe-da-lua, corujão do mato piando. Quem gritou foi lontra com fome. Gritou: - Irra! Lontra vai nadando vereda-acima. Eh, ela sai de qualquer água com o pêlo seco... Capivara? De longe mecê escuta a barulhada delas, pastando, meio dentro, meio fora d'água... Se onça urrar, eu falo qual é. Eh, nem carece, não. Se ele esturrar ou miar, mecê logo sabe... Mía sufocado, do fundo da goela, eh, goela é enorme... Heeé... Apê! Mecê tem medo? Tem medo não? Pois vai ter. O mato todo tem medo. Onça é carrasca. 'Manhã cê vai ver, eu mostro rastro dela, pipura... Um dia, lua-nova, mecê vem cá, vem ver meu rastro, feito rastro de onça, eh, sou onça! Hum, mecê não acredita não?

Ó homem doido... Ó homem doido... Eu – onça! Nhum? Sou o diabo não. Mecê é que é diabo, o boca-torta. Mecê é ruim, ruim, feio. Diabo? Capaz que eu seja... Eu moro em rancho sem paredes... Nado, muito, muito. Já tive bexiga da preta. Nhoaquim Caraó tinha uma carapuça de pena de gavião. Pena de arara, de guará também. Rodinha de pena de ema, no joelho, nas pernas, na cintura. Mas eu sou onça. Jaguarê tio meu, irmão de minha mãe, tutira... Meus parentes! Meus parentes!... Ói, me dá sua mão aqui... Dá sua mão, deixa eu pegar... Só um tiquinho...

Eh, cê tá segurando revólver? Hum-hum. Carece de ficar pegando no revólver não... Mecê tá com medo de onça chegar aqui no rancho? Hã-hã, onça Uinhua travessou a vereda, eu sei, veio caçar paca, tá indo escorregada, no capim grosso. Ela vai, anda deitada, de escarrapacho, com as orelhas pra diante – dá estalinho assim com as orelhas, quaquave... Onça Uinhua é preta, capeta de preta, que rebrilha com a lua. Fica peba no chão. Capim de ponta cutuca dentro do nariz dela, ela não gosta: assopra. Come peixe, pássaro d'água, socó, saracura. Mecê escuta o uêê de narcejão voando embora, o narcejão vai voando de a torto e a direito... Passarinho com frio fuge, fica calado. Uinhua fez pouca conta dele. Mas paca assustou, pulou. Ce ouviu o roró d'água? Onça Uinhua deve de tá danada. Toda molhada de mururu do arvalho, muquiada de barro branco de beira de rio. Evém ela... Ela já sabe que mecê tá aqui, esse seu cavalo. Evém ela... tuxa morubixa. Evém... Iquente! Ói cavalo seu barulhando com medo. Eh, carece de nada não, a Uinhua esbarrou. Evém? Vem não, foi tataca de alguã rã... Tem medo não, se ela vier eu enxoto, escramuço, eu mando embora. Eu fico quieto, quieto; ela não me vê. Deixa o cavalo rinchar, ele deve de tá tremendo, tá com as orelhas esticadas. Peia é boa? Peiado forte? Fuge não. Também, esse cavalo seu de mecê presta mais pra nada. Espera... Mecê vira vira seu revólver pra outra banda, ih!

Vem mais não. Hoje a Uinhua não teve coragem. Dei'stá, 'xa pra lá: de fome ela não morre – pega qualquer acutia por aí, rato, bichinho. Isso come até porco-espim... 'Manhã cedo, 'cê vê o rastro. Onça larga catinga, a gente acha, se a gente passar de fresco. 'Manhã cedo, a gente vai lavar corpo. Mecê quer? Nhem? Catinga delas mais forte é no lugar donde elas pariram e moraram com cria, fede muito. Eu gosto... Agora, mecê pode ficar sossegado quieto, torna a guardar revólver no bolso. Onça Uinhua vem mais não. Ela nem não é desta banda de cá. Travessou a vereda, só se a Maramonhangara foi lá, adonde que pe o terreiro dela, aí a Uinhua ficou enjerizada, se mudou... Tudo tem lugar certo: lugar de beber água – a Tibitaba vai no pocinho adonde tem o buriti dobrado; Papa-Gente bebe no mesmo lugar junto com o Suú-Suú, na barra da Veredinha... No meio da vereda larga tem uma pedra-morta: Papa-Gente nada pra lá, pisa na pedra-morta, parece que tá em pé dentro d'água, é danado de feio. Sacode uma perna, sacode outra, sacode o corpo pra secar. Espia tudo, espia a lua... Papa-Gente gosta de morar em ilha, capoama de ilha, a-hé. Nhem? Papa não? Axi! Onça enfiou mão por um buraco de cafua, pegou menino pequeno no jirau, abriu barriguinha dele...

Foi aqui não, foi nos roçados da Chapada Nova, eh. Onça velha, tigre de uma onça conhecida, jaguarapinima muito grande demais, o povo tinha chamado de Pé-de-Panela. Pai do menino pequeno era sitiante, pegou espingarda, foi atrás da onça, sacaquera, sacaquera. Onça Pé-de-Panela tinha matado o menino pequeno, tinha matado uma mula. Onça que vem perto de casa, tem medo de ser enxotada não, onça velha, onça chefe, come gente, bicho perigoso, que nem até quage que feito homem ruim. Sitiante foi indo no rastro sacaquera, sacaquera. Pinima caminha muito, caminha longe a noite toda. Mas a Pé-de-Panela tinha comido, comido, comido, bebeu sangue da mula, bebeu água, deixou rastro, foi dormir no fecho do mato, num furado, toda desenroscada. Eu achei o rastro, não falei, contei a ninguém não. Sitiante não disse que a onça era dele? Sitiante foi buscar os cachorros, cachorro deu barroadado, acharam a onça. Acuaram. Sitiante chegou, gritou de raiva, espingarda negou fogo. Pé-de-Panela rebentou o sitiante, rebentou cabeça dele, enfiou cabelo dentro de miolo. Enterraram o sitiante junto com o menino pequeno filho dele, o que sobrava, eu fui lá, fui espiar. Me deram comida, cachaça, comida boa; eu também chorei junto.

Eh, aí davam dinheiro pra quem matar Pé-de-Panela. Eu quis. Falaram em rastrear. Hum-hum... Como é que podiam rastrear, de achar rastreando? Ela tava longe... Como é que pode? Hum, não. Mas eu sei. Eu não percurei. Deitei no lugar, cheirei o cheiro dela. Eu viro onça. Então eu viro onça mesmo, hã. Eu mio... Aí, eu fiquei sabendo. Dobrei para o Monjolinho, na croa da vereda. E era mesmo lá: madrugada aquela, Pé-de-Janela já tinha vindo, comeu uma porca, dono da porca era um Rima Toruquato, no Saó, fazendeiro. Fazendeiro também prometeu dar mais dinheiro, pra eu matar Pé-de-Panela. Eu quis. Eu perdi outra porca, só emprestada marrei no pé de almecegueira. Noite escurecendo, Pé-de-Panela sabia nada de mim não, então ela veio buscar a outra porca. Mas nem não veio, não. Chegou só de manhã cedinho, dia já tava clareando. Ela rosnou, abriu a boca perto de mim, eu porrei fogo dentro da goela dela, e gritei: - “Come isto, meu tio!...” Aí eu peguei o dinheiro de todos, ganhei muito de-comer, muitos dias. Me emprestaram um cavalo arreado. Então Nhô Nhuão Guede me mandou vir pra cá, pra desonçar. Porqueira dele! Homem ruim! Mas eu vim.

Eu não devia? ãã, eu sei, no começo eu não devia. Onça é povo meu, meus parentes. Elas não sabiam. Eh, eu sou ladino, ladino. Tenho medo não. Não sabiam que eu era parente brabo, traiçoeiro. Tinha medo só de um dia topar com uma onça grande que anda com os pés pra trás, vindo do mato virgem... será que tem, será? Hum-hum. Apareceu nunca não, tenho medo mais nenhum. Tem não. Teve a onça Maneta, que também enfiou a mão dentro de casa, igual feito a Pé-de-Panela. Povo de dentro de casa ficaram com medo. Ela ficou com a mão enganchada, eles podiam sair, pra matar, cá da banda de fora. Ficaram com medo, cortaram só a mão, com foice. Onça urrava, eles toravam a munheca dela. Era onça preta. Conheci não. Toraram a mão, ela pôde ir s’embora. Mas pegou a assustar o povo, comia gente, comia criação, deixava pipura de três pés, andava manquiola. E ninguém não atinava com ela, pra mor de caçar. Prometiam dinheiro bom; nada. Conheci não. Era a Onça Maneta. Depois, sumiu por este mundo. Assombra.

Ói mecê ouviu? Essa, é miado. Pode escutar. Miou longe. É macho Apiponga, que caçou bicho grande, porco-do-mato. Tá enchendo barriga. Matou em beira docapão, no desbarrancado, fez carniça lá. ‘Manhã, vou lá. Eh. Mecê conhece Apiponga não: é o que urra mais danado, mais forte. Eh – pula um pulo... Toda noite ele caça, mata. Mata um, mata bonito! Come, sai; depois, logo, volta. De dia ele dorme, quentando sol, dorme espichado. Mosquito chega, eh, ele dana. Vai lá, pra mecê ver... Apiponga, lugar dele dormir de dia é em cabeceira do mato, montão de mato, pedreira grande. Lá, mesmo, ele comeu um homem... Ih, ixé! Um dia, uma vez ele comeu um homem...

Nhem? Cê quer saber donde é que Maria-Maria dorme de dia, hã? Pra quê que quer saber? Pra quê? Lugar dela é no alecrim-da-crôa, no furado do matinho, aqui mesmo perto, pronto! Quê que adiantou? Cê não sabe adonde que é. eh-eh-eh... Se mecê topar com Maria-Maria, não vale nada ela ser a onça mais bonita – mecê morre de medo dela. Ói: abre os olhos: ela vem, vem, vem, com a boca meio aberta, língua lá dentro mexendo... É um arquejo miúdo, quando tá fazendo calor, a língua pra diante e pra trás, mas não sai do céu-da-boca. Bate o pé no chão, macião, espreguiça despois, toda, fecha os olhos. Eh, bota as mãos pra a frente, abre os dedos – põe pra fora cada unha maior que seu dedo mindinho de mecê. Aí, me olha, me olha... Ela gosta de mim. Se eu der mecê pra ela comer, ela come...

Mecê espia cá fora. Lua tá redonda. Tou falando nada. Lua meu compadre não. Bobage. Mecê não bebe, eu me avexo, bebendo sozinho, tou acabando sua cachaça toda. Lua compadre de caraó? Caraó falava só bobagem. Auá? Caraó chamado Curiuã, queria casar com mulher branca. Trouxe coisas, deu pra ela: esteira bonita, cacho de banana, tucano manso de bico amarelo, casco de jaboti, pedra branca com pedra azul dentro. Mulher tinha marido. ã-hã, foi isto: mulher branca gostou das coisas que caraó Curiuã trazia. Mas não queria casar com ele não, que era pecado. Caraó Curiuã ficou rindo, falou que tava doente, só mulher branca querendo deitar com ele na rede que ele sarava. Carecia de casar de verdade não, deitar uma vez só chegava. Armou rede ali perto de lá. ficou deitado, não comia nada. Marido da mulher chegou, mulher contou pra ele. Homem branco ficou danado de brabo. Encostou carabina nos peitos dele, caraó Curiuã ficou chorando, homem branco matou caraó Curiuã, tava com muita raiva...

Hum, hum. Ói: eu tava lá, matei nunca ninguém. No Socó-Boi também, matei ninguém, não. Matei nunca, podia não, minha mãe falou pra eu não matar. Tinha medo de soldado. Eu não posso ser preso: minha mãe contou que eu posso ser preso não, se ficar preso eu morro – por causa que eu nasci em tempo de frio, em hora em que o sejuçu tava certinho no meio do alto do céu. Mecê olha, o sejuçu tem quatro estrelinhas, mais duas. A' bom: cê enxerga a outra que falta? Enxerga não? A outra – é eu... Mãe minha me disse. Mãe minha bugra, boa, boa pra mim, mesmo que onça com os filhotes delas, jaguaraim. Mecê já viu onça com as oncinhas? Viu não? Mamãe lambe, lambe, fala com eles, jaguanhém, alisa, toma conta. Mãe onça morre por conta deles, deixa ninguém chegar perto, não... Só suaçurana é que é pixote, foge, larga os filhotes pra quem quiser...

Eh, parente meu é a onça, jagaretê, meu povo. Mãe minha dizia, mãe minha sabia, uê-uê... Jagaretê é meu tio, tio meu. ã-hã. Nhem? Mas eu metei onça? Matei, pois matei. Mas não mato mais, não! no Socó-Boi, aquele Pedro Pampolino queria, encomendou: pra eu matar o outro homem, por ajuste. Quis não. Eu, não. Pra soldado me pegar? Tinha o Tiaguim, esse quis: ganhou o dinheiro que era pra ser pra mim, foi esperar o outro homem na beira da estrada... Nhem, como é que foi? Sei, não, me alembro não. Eu nem não ajudei, ajudei algum? Quis saber de nada... Tiaguim mais Missiano mataram muitos. Despois foi pra um homem velho. Homem velho raivado, jurando que bebia o sangue de outro, de homem moço, eu escutei. Tiaguim mais Missiano amarraram o homem moço, o homem velho cortou o pescoço dele, com facão, aparaba o sangue numa bacia... Aí u larguei o serviço que tinha, fui m'embora, fui esbarrar na Chapada Nova...

Aquele Nhô Nhuão Guede, pai da moça gorda, pior homem que tem: me botou aqui. Falou: "Mata as onças todas!" Me deixou aqui sozinho, eu num, sozinho de não poder falar sem escutar... Sozinho, o tempo todo, periquito passa gritando, grilo assovia, assovia, a noite inteira, não é capaz de parar de assoviar. Vem chuva, chove, chove. tenho pai nem mãe. Só matava onça. Não devia. Onça tão bonita, parente meu. Aquele Pedro Pampolino, disse que eu não prestava. Tiaguim falou que eu era mole, mole, membeca. Matei montão de onça. Nhô

Nhuão Guede trouxe eu pr'aqui, ninguém não queria me deixar trabalhar junto com outros... Por causa que eu não prestava. Só ficar aqui sozinho, o tempo todo. Prestava mesmo não, sabia trabalhar direito não, não gostava. Sabia só matar onça. Ah, não devia! Ninguém não queria me ver, gostavam de mim não, todo mundo me xingando. Maria-Maria veio, veio. Então eu ia matar Maria-Maria? Como é que eu podia? Podia matar onça nenhuma não, onça parente meu, tava triste de ter matado... Tava com medo, por ter matado. Nhum nenhum? Ai, ai, gente...

De noite eu fiquei mexendo, sei nada não, mexendo por mexer, dormir não podia, não; que começa, que não acaba, sabia não, como é que é, não. Fiquei com a vontade... Vontade doida de virar onça, eu, eu, onça grande. Sair de onça, no escurinho da madrugada... Tava urrando calado dentro de em mim... Eu tava com as unhas... Tinha soroca sem dono, de jagaretê-pinima que eu matei; saí pra lá. Cheiro dela inda tava forte. Deitei no chão... Eh, fico frio, frio. Frio vai saindo de todo mato em roda, saindo da parte do rancho... Eu arrupei. Frio que não tem outro, frio nenhum tanto assim. Que eu podia tremer, de despedaçar... Aí eu tinha uma câimbra no corpo todo, sacudindo; dei acesso.

Quando melhorei, tava de pé e mão no chão, danado pra querer caminhar. Ó sossego bom! Eu tava ali, dono de tudo, sozinho alegre, bom mesmo, todo o mundo carecia de mim... Eu tinha medo de nada! Nessa hora eu sabia o que cada um tava pensando. Se mecê vinha aqui, eu sabia tudo o que mecê tava pensando...

Sabia o que onça tava pensando, também. Mecê sabe o que é que onça pensa? Sabe não? Eh, então mecê aprende: onça pensa só uma coisa – é que tá tudo bonito, bom, bonito, bom, sem esbarrar. Pensa só isso, o tempo todo, comprido, sempre a mesma coisa só, e vai pensando assim, enquanto que tá andando, tá comendo, tá dormindo, tá fazendo o que fizer... Quando alguma coisa ruim acontece, então de repente ela ringe, urra, fica com raiva, mas nem que não pensa nada: nessa horinha mesma ela esbarra de pensar. Daí, só quando tudo tornou a ficar quieto outra vez é que ela torna a pensar igual, feito em antes...

Eh, agora cê sabe; será? Hã-hã. Nhem? Aã, pois eu saí caminhando de mão no chão, fui indo. Deu em mim uma raiva grande, vontade de matar tudo, cortar na unha, no dente... Urrei. Eh, eu – esturrei! No outro dia, cavalo branco meu, que eu trouxe, me deram, cavalo tava estraçalhado meio comido, morto, eu 'manheci todo breado de sangue seco... Nhem? Fez mal não, gosto de cavalo não... Cavalo tava machucado na perna, prestava mais não...

Aí eu queria ir ver Maria-Maria. Nhem? Gosto de mulher não... Às vez, gosto... Vou indo como elas onças fazem, por meio de espinheiro, devagarinho, faço barulho não. Mas não espinha não, quage que não. Quando espinha pé, estraga, a gente passa dia doente, pode caçar não, fica curtindo fome... É, mas, Maria-Maria, se ficar assim, eu levo de-comer pra ela, hã, hã-ã...

Hum, hum. Esse é barulho de onça não. Urucuera piou, e um bichinho correu, destabocado. Eh, como é que eu sei? Pode ser veado, caititu, capivara. Como é? Aqui tem é tudo – tem capão, capoeira, pertinho do campo... O resto é sapo, pé grilo do mato. Passarinho também, que pia no meio de dormindo... Ói: se eu dormir mais primeiro, mecê também dorme? Cê pode encostar a cabeça no surrão, surrão é de ninguém não, surrão era do preto. Dentro tem coisa boa não, tem roupa velha, vale nada. Tinha retrato da mulher do preto, preto era casado. Preto morreu, eu peguei em retrato, virei pra não poder ver, levei pra longe, escondi em oco de pau. Longe, longe: gosto de retrato aqui comigo não...



Eh, urrou e mecê não ouviu, não. Urrou cochichado... Mecê tem medo? Tem medo não? Mecê tem medo não, é mesmo, tou vendo. Hum-hum. Eh, cê tando perto, cê sabe o que é que é medo! Quando onça urra, homem estremece todo... Zagaieiro tem medo não, hora nenhuma. Eh, homem zagaieiro é custoso achar, tem muito poucos. zagaieiro – gente tem soluço... Os outros todos têm medo. Preto é que tem mais...

Eh, onça gosta de carne de preto. Quando tem um preto numa comitiva, onça vem acompanhando, seguindo escondida, por escondidos, atrás, atrás, atrás, ropitando, tendo olho nele. Preto rezava, ficava seguro na gente, tremia todo. Foi esse não, que morou no rancho, não; esse que morou aqui: preto Tiodoro. Foi outro preto, preto Bijibo, a gente vinha beiradeando o rio Urucuia, depois o Riacho Morto, depois... O velho barbado, barba branca, tinha botas, botas de couro de sucuriju. Velho das botas tinha trabuco. Ele mais os filhos e o carapina bêbado iam pra outra banda, pra a Serra Bonita, vararam dessa mão de lá, mode ir... Preto Bijibo tinha coragem não: carecia de viajar sozinho, tava voltando pra algum lugar – sei lá – longe... Preto tinha medo, sabia que onça tava de tocaia: onça vinha, sacaquera, toda noite eu sabia que ela tava rodeando, de uauaca, perto do foguinho do arranchamento...

Aí eu falei com o preto, falei que também ia com ele, até no Formoso. Carecia de arma nenhuma não, eu tinha garrucha, espingarda, tinha faca, facão, zagaia minha. Mentira que eu falei: eu tava era voltando pr'aqui, tinha ido falar brabo com Nhô Nhuão Guede, que eu não ia matar onça nenhuma mais não, que eu tinha falado. Eu tava voltando pr'aqui, dei volta tão longe, por conta do preto só. Mas preto Bijibo sabia não, ele foi viajar comigo...

Ói: eu tava achando nada de ruim não, tava jeriza não, eu gostei do preto Bijibo, tava com dó dele, em mesmo, queria era ajudar, por causa que ele tinha muita boa comida, mantimento, por pena assim que ele carecia de viajar sozím... Preto Bijibo era bom, com aquele medo doido, ele não me largava em hora nenhuma... A gente caminhamos três dias. Preto conversava, conversava. Eu gostava dele. Preto Bijibo tinha farinha, queijo, sal, rapadura, feijão, carne seca, tinha anzol pra pegar peixe, toicinho salgado... Ave-Maria! – preto carregava aquilo tudo nas costas, eu ajudava não, gosto não, sei lá como é que ele podia... Eu caçava: matei veado, jacu, codorna... Preto comia. Atié! Atié, que ele comia, comia, só queria era comer, até nunca vi assim, não... Preto Bijibo cozinhava. Me dava de-comer dele, eu comia de encher barriga. Mas preto Bijibo não esbarrava de comer, não. Comia, falava em comida, eu então ficava vendo ele comer e eu inda comia mais, ficava empazinado, chega arrotava.

A gente tava arranchados debaixo de pau de árvore, acendemos fogo. Olhei preto Bijibo comendo, ele lá com aquela alegria doida de comer, todo dia, todo dia, enchendo boca, enchendo barriga. Fiquei com raiva daquilo, raiva, raiva danada... Axe, axi! Preto Bijibo gostando tanto de comer, comendo de tudo bom, arado, e pobre da onça vinha vindo com fome, querendo comer preto Bijibo... Fui ficando com mais raiva. Cê não fica com raiva? Falei nada não. ã-hã. A'pois, falei só com preto Bijibo que ali era o lugar perigoso pior, de toda banda tinha soroca de onça-pintada. Ih, preto esbarrou logo de comer, preto custou pra dormir.

Eh, aí eu não tinha mais raiva não, queria era brincar com o preto. Saí, calado, calado, devagar, que nem nenhum nunguém. Tirei o de-comer, todo, todo, levei, escondi em galho de árvore, muito longe. Eh, voltei, desmanchei meu rastro, eh, que eu queria rir alegre... Dei muita andada, por uma banda e por outra, e voltei pra trás, trepei em pau alto, fiquei escondido... Diaba, diaba, onça nem não vinha! De manhã cedo, dava gosto ver, quando preto Bijibo acordou e não me achou, não...

O dia todo, ele chorava, percurava, percurava, não tava acreditando. Eh, arregalava os olhos. Chega que andava em roda, zuretado. Me percurou até em buraco de formigueiro... Mas ele tava com medo de gritar e espiritar a onça, então falava baixinho meu nome... Preto Bijibo tremia, que eu escutava dente estalando, que escutava. Tremia: feito piririca de carne que a gente assa em espeto... Depois, ele ficava estuporado, deitava no chão, debruço, tapava os ouvidos. Tapava a cara... Esperei o dia inteiro, trepado no pau, eu também já tava com fome e sede, mas agora eu queria, nem sei, queria ver jaguretê comendo o preto...

Nhem? Preto tinha me ofendido não. Preto Bijibo muito bom., homem acomodado. Eu tinha mais raiva dele não. Nhem? Não tava certo? Como é que mecê sabe? Cê não tava lá. ã-hã, preto não era parente meu, não devia de ter querido vir comigo. Levei o preto pra a onça. Preto porque quis me acompanhar, uê. Eu tava no meu costume... Hum, por que é que mecê tá percurando mão no revólver? Hum-hum... Aã, arma boa, será? Hã-hã, revólver bom. Erê! Cê deixa eu pegar com minha mão, mor de ver direito... A-nhã, não deixa, não deixa? Gosta não que eu pego? Tem medo não. Mão minha bota arma caipora não. Também não deixo pegar em arma, mas é mulher, mulher eu não deixo; deixo nem ver, não deve-de. Bota panema, caipora[1]... Hum, hum. Nhor não. É. É. Hum, hum. Mecê é que sabe...

Hum. Hum. É. É não. Eh, n't, n't... Axi... É. Nhor não, sei não. Hum-hum. Nhor não, tou agravado não, revólver é seu, mecê é que é dono dele. Eu tava pedindo só por querer ver, arma boa, bonita, revólver... Mas mão minha bota caipora não, pa! – sou mulher não. Eu panema não, eu – marupiara. Mecê não quer deixar, mecê não acredita. Eu falo mentira não... Tá bom, eu bebo mais um gole. Cê bebe também! Tou vexado não. Apê, cachaça bom de boa...

Ói: mecê gosta de ouvir contar, a'pois eu conto. Depois que teve o preto Bijibo? Eu voltei, uai. Cheguei aqui, achei ouro preto, já morando mesmo dentro de rancho. Primeiro eu pulei pra pensar: este é irmão dele outro, veio tirar vingança, ôi, ôi... Era não. Preto chamado Tiodoro: Nhô Nhuão Guede justou, pra ficar no despois, pra matar as onças todas, mor d'eu não querer matar onça nenhuma mais não. Falou que o rancho era dele, que Nhô Nhuão Guede tinha falado, tinha dado rancho pra preto Tiodoro, pra toda a vida. Mas que eu podia morar junto, eu tinha de buscar lenha, buscar água. Eu? Hum, eu – não mesmo, não.

Fiz tipóia pra mim, com folhagem de buriti, perto da soroca de Maria-Maria. Ahã, preto Tiodoro haverá de vir caçar por ali... A'bom, a'bom. Preto Tiodoro caçava onça não – ele tinha mentido pra Nhô Nhuão Guede. Preto Tiodoro boa pessoa, tinha medo, mas medo, montão. Tinha quatro cachorros grandes – cachorro latidor. Apiponga matou dois, um sumiu no mato. Maramonhangara comeu o outro. Eh-eh-eh... Cachorro... Caçou onça nenhuma não. Também, preto Tiodoro ficou morando em rancho só uma lua-nova: aí ele morreu, pronto.

Preto Tiodoro queria ver outra gente, passear. Me dava de comer, me chamava pra ir passear mais ele, junto. Eh, sei: ele tava com medo de andar sozinho por aí. Chegava em beira de vereda, pegava a ter medo de sucruiu. Eu, eh, eu tenho meu porrete bom, amarrado com tira forte de embira: passava a tira no pescoço, ia com o porrete pendurado; tinha medo de nada. Aí, preto[2]... A gente fomos lá muitas léguas, por meio do brejo, terra boa pra plantar. Veredeiro seo Rauremiro, bom homem, mas chamava a gente por assovio, feito cachorro. Sou cachorro, sou? Seo Rauremiro falava: - “Entra em quarto da gente não, fica pra lá, tu é bugre...” Seo Rauremiro conversava com preto Tiodoro, proseava. Me dava comida, mas não conversava comigo não. Saí de lá com uma raiva, mas raiva, de todos: de seu Rauremiro, mulher dele, as filhas, menino pequeno...

Chamei o preto Tiodoro: depois da gente comer, a gente vinha s'embora. Preto Tiodoro queria só passar na barra da Veredinha – deitar na esteira com a mulher do homem doido, mulher muito boa: Maria Quirinéia. A gente passou por lá. Então, uê, pediram pra eu sair de casa, um tempão, ficar espiando o mato, espiando no caminho, aruê, pra ver se vinha alguém. Muito homem que tava acostumado, iam lá. Muito homem: jababora, geralista, aqueles três, que já morreram. Lá por perto, vi rastro. Rastro redondo, pipura da onça Porreteira, dela ir caçar. Tava chovendo fino, só cruviando quage. Eu escondi em baixo da árvore. Preto Tiodoro não saía de lá de dentro não, com aquela mulher, Maria Quirinéia. O doido, marido dela, nem não tava gritando, devia de tá dormindo encorrentado...

Uai, então eu enxerguei que vinda vindo geralista, aquele seo Riopôro, homem ruim feito ele só, tava toda hora furiado. Seo Riopôro vinha vestido com coroa grande de palha de buriti, mor de não molhar a roupa, vinha respingado, fincava pé na lama. Sai de debaixo de árvore, fui lá, encontrar com ele, mor de cercar, mor d'ele não vir, que preto Tiodoro tinha mandado. – “Que é que tu tá fazendo por aqui, onceiro senvergonha?!” – foi que ele falou, me gritou, gritou, valente, mesmo.

– “Tou espiando o rabo da chuva...” – que eu falei.

– “Pois, por que tu não vai espiar tua mãe, desgraçado?” – que ele tornou a gritar, inda gritou, mais muito. Ô homem aquele, pra ter raiva.

Ah, gritou, pois gritou? Pa! Mãe minha, foi? Ah, pois foi. Pa! A'bom. A'bom. Aí eu falei que a onça Porreteira tava escondida lá no fundão da pirambeira do desbarracad.

– “X'eu ver, x'eu ver já...” – que ele falou. E – “Txi, é mentira tua não? Tu diabo mente, por senvergonheira!”

Mas ele veio, chegou na beira da pirambeira, na beiradinha, debruçou, espiando pra baixo. Empurrei! Empurrei, foi só um tiquinho, nem não foi com força: geralista seo Riopôro despencou no ar... apê! Nhem-nhem o quê? Matei, eu matei? A'pois matei não. Ele inda tava vivo, quando caiu lá em baixo, quando onça Porreteira começou a comer... Bom, bonito! Eh, p's, eh porã! Erê! Come esse, meu tio...

Falei nada com o preto: ói... Mulher Maria Quirinéia me deu café, falou que eu era índio bonito. A gente veio s'embora. Preto Tiodoro ficava danado comigo, calado. Porque eu sabia caçar onça, ele sabia não. Eu tapijara, sapijara, achava os bichos, as árvores, planta do mato, todas, ele nem não. Eu tinha esses couros todos, nem não queria vender mais, não. Ele olhava com olho de cachorro, acho que queria couros todos pra ele, pra vender, muito dinheiro... Ah, preto Tiodoro contou mentira de mim pra os outros geralistas.

Aquele jababora Gugué, homem bom, mas mesmo bom, nunca me xingou, não. Eu queria passear, ele gostava de caminhar não; só ficava deitado, em rede, no capim, dia inteiro, dia inteiro. Pedia até pra eu trazer água na cabaça, mor de ele beber. Fazia nada. Dormia, pitava, espichava, ...espichava deitado, proseava. Eu também. Aquele Gugué puxava prosa danada de boa! Eh, fazia nada, caçava nada, não cava-cava chão pra tirar mandioca, queria passear não. Então peguei a não querer espiar pra ele. Eh, raiva não, só um enfaro. Cê sabe? Cê já viu? Aquele homem mole, mole, perrengando por querer, panema, ixé! Até me esfriava... Eu queria ter raiva dele não, queria fazer nada não, não queria, não queria. Homem bom. Falei que ia m'embora.

– “Vai embora não...” – que ele galou. – “Vamo conversar...” Mas ele era que dormia, dormia, o dia todo. De repente, eu, eu oncei... Iá. Eu agüentei não. Arrumei cipó, arranjei embira, boa, forte. Amarrei aquele Gugué na rede. Amarrei ligeiro, amarrei perna, amarrei braço. Quando ele queria gritar, hum, xô! Axi, aí deixei não: atochei folha, folha, lá nele, boca a dentro. Tinha ninguém lá. Carreguei aquele Gugué, com rede enrolada. Pesadão, pesado, eh.

Levei para o Papa-Gente. Papa-Gente, onça chefe, onço, comeu jababora Gugué... Papa-Gente, onção enorme, come rosnando, rosnando, até parece oncinho novo... Depois, eu até fiquei triste, com pena daquele Gugué, tão bonzinho, teitê...

Aí, era de noite, fui conversar com o outro geralista que ainda tinha, chamado Antunias, jababora, uê. Ô homem amarelo de ridico! Não dava nada, não, guardava tudo pra ele, emprestava um bago de chumbo só se a gente depois pagava dois. Ixe! Ueh... Cheguei lá, ele tava comendo, escondeu o de-comer, debaixo do cesto de cipó, assim mesmo eu vi. Então eu pedi pra poder dormir dentro do rancho. –“Dormir, pode. Mas vai buscar graveto pra o fogo...” – isto que arrenegou. –“Eh, tá de noite, tá escuro, ’manhã cedo eu carrego lenha boa...” – que eu falei. Mas então ele me mandou consertar uma alprecata velha. Falou que manhã cedo ele ia na Maria Quirinéia, que eu não podia ficar sozinho no rancho, mor de não bulir nos trens dele, não. A’pois, eu falei: –“Acho que onça pegou Gugué...”

Ei, Tunia! – era assim que Gugué falava. Arregalou olho. Preguntou – como era que eu achava. Falei que tinha escutado grito do Gugué e urro de onça comedeira. Cê já viu? Sabe o quê que ele falou? Axi! Que onça tinha pegado Gugué, então tudo o que era do Gugué ficava sendo dele. Que depois ele ia s’embora, pra outra serra, que seu queria ir junto, mor de ajudar a carregar os trens todos dele, tralha. –“Que eu vou, mesmo...” – que eu falei.

Ah, mas isto eu não conto, que não conto, que não conto, de jeito nenhum! Por quê mecê quer saber? Quer saber tudo? Cê é soldado? ... A’bem, a’bom, eu conto, mecê é meu amigo. Eu encostei ponta da zagaia nele... X’eu mostrar, como é que foi? Ah, quer não, não pode? Cê tem medo d’eu encostar ponta da zagaia em seus peitos, eh, será, nhem? Mas, então, pra quê que quer saber?! Axe, mecê, homem frouxo... Cê tem medo o tempo todo... A’bom, ele careceu de ir andando, chorando, sacêmo, no escuro, caía, levantava... –“Não pode gritar, não pode gritar...” – que eu falava, ralhava, cutucava, empurrei com a ponta da zagaia. Levei pra Maria-Maria...

Manhã cedo, eu queria beber café. Pensei: eu ia pedir café de visita, pedir àquela mulher Maria Quitéria. Fui indo pra lá, fui vendo: curuz! De toda banda, ladeza da chapada, tinha rastro de onça... Ei, minhas onças... Mas todas têm de saber de mim, eh, sou parente... eh, se não, eu tacho fogo no campo, no mato, lapa de mato, sorrio delas, tacho fogo em tudo, no fim da seca...

Aquela mulher Maria Quirinéia, muito boa. Deu cafapé, deu de comer. Marido dela doido tava quieto, seo Suruvéio, era lua dele não, só ria, ria, não gritava. Eh, mas Maria Quirinéia principiou a olhar pra mim de jeito estúrdio, diferente, mesmo: cada olho se brilhando, ela ria, abria as ventas, pegou em minha mão, alisou meu cabelo. Falou que eu era bonito, mais bonito. Eu – gostei. Mas aí ela queria me puxar pra a esteira, com ela, eh, uê, uê... Me deu uma raiva grande, tão grande, montão de raiva, eu queria matar Maria Quirinéia, dava pra a onça Tatacica, dava pra as onças todas!

Eh, aí eu levantei, ia agarrar Maria Quirinéia na Goela. Mas ela que falou: –“Ói: sua mãe deve de ter sido muito bonita, boazinha muito boa, será?” Aquela mulher Maria Quirinéia muito boa, bonita, gosto dela muito, me alembro. Falei que todo o mundo tinha morrido comido de onça, que ela carecia de ir s’embora de mudada, naquela mesma hora, ir já, ir já, logo, mesmo... Pra qualquer outro lugar, carecia de ir. Maria Quirinéia pegou medo enorme, montão, disse que não podia ir, por conta do marido doido. Eu falei: eu ajudava, levava. Levar até na Vereda da Conceição, lá ela tinha pessoas conhecidas. Eh, fui junto. Marido dela doido nem deu trabalho, quage. Eu falava: –“Vamos passear, seo Nhô Suruvéio, mais adiante?” Ele arrespondia: –“A’pois, vamos, vamos, vamos...” Vereda cheia, tempo de chuva, isso que deu

mais trabalho. Mas a gente chegou lá, Maria Quirinéia falou despedida: -“Mecê homem bom, homem corajoso, homem bonito. Mas mecê gosta de mulher não...” Aí, que eu falei: -“Gosto mesmo não. Eu –eu tenho unha grande...” Ela riu, riu, riu, eu voltei sozinho, beiradeando essas veredas todas.

Uê, uê, rodeei volta, depois, cacei jeito, por detrás dos brejos: queria ver veredeiro seo Rauremiro não. Eu tava com fome, mas queria de-comer dele não – homem muito soberbo. Comi araticum e fava doce, em beira de um cerrado eu descansei. Uma hora, deu aquele frio, frio, aquele, torceu minha perna... Eh, depois, não sei, não: acordei – eu tava na casa do veredeiro, era de manhã cedinho. Eu tava em barro de sangue, unhas todas vermelhas de sangue. Veredeiro tava mordido morto, mulher do veredeiro, as filhas, menino pequeno... Eh, juca-jucá, atiê, atiuca! Aí eu fiquei com dó, fiquei com raiva. Hum, nhem? Cê fala que eu matei? Mordi mas matei não... Não quero ser preso... Tinha sangue deles em minha boca, cara minha. Hum, saí, andei sozim p’los matos, fora de sentido, influência de subir em árvore, eh, mato é muito grande... Que eu andei, que eu andei, sei quanto tempo foi não. Mas quando que eu fiquei bom de mim outra vez, tava nu de todo, morrendo de fome. Sujo de tudo, de terra, com a boca amargosa, atiê, amargoso feito casca de peroba... Eu tava deitado no alecrinzinho, no lugar. Maria-Maria chegou lá perto de mim...

Mecê tá ouvindo, nhem? Tá aperceiando... Eu sou onça, não falei? Axi. Não falei – eu viro onça? Onça grande, tubixaba. Ói unha minha: mecê olha – unhão preto, unha dura... Cê vem, me cheira: tenho catinga de onça? Preto Tiodoro falou eu tenho, ei, ei... Todo dia eu lavo corpo no poço... Mas mecê pode dormir, hum, hum, vai ficar esperando camarada não. Mecê tá doente, carece de deitar no jirau. Onça vem cá não, cê pode guardar revólver...

Aaã! Mecê já matou gente com ele? Matou, a’pois, matou? Por quê que não falou logo? ã-hã, matou, mesmo. Matou quantos? Matou muito? Hã-hã, mecê homem valente, meu amigo... Eh, vamos beber cachaça, até a língua da gente picar de areia... Tou imaginando coisa, boa, bonita: a gente vamos matar camarada, ’manhã? A gente mata camarada, camarada ruim, presta não, deixou cavalo fugir p’los matos... Vamos matar?! Uh, uh, atimbora, fica quieto no lugar! Mecê tá muito sopitado... Ói: mecê não viu Maria-Maria, ah, pois não viu. Carece de ver. Daqui a pouco ela vem, se eu quero ela vem, vem munguitar mecê...

Nhem? A’bom, a’pois... Trastanto que eu tava lá no alecrinzinho com ela, cê devia de ver. Maria-Maria é careteira, raspa o chão com a mão, pula de lado, pulo frouxo de onça, bonito, bonito. Ela ouriça o fio da espinha, incha o rabo, abre a boca e fecha, ligeiro, feito gente com sono... Feito mecê, eh, eh... Que anda, que anda, balançando, vagarosa, tem medo de nada, cada anca levantando, aquele pêlo lustroso, ela vem sisuda, mais bonita de todas, cheia de cerimônia... Ela rosnava baixinho pra mim, queria vir comigo pegar o preto Tiodoro. Aí, me deu aquele frio, aquele friiii, a cãimbra toda... Eh, eu sou magro, travesso em qualquer parte, o preto era meio gordo... Eu vim andando, mão no chão... Preto Tiodoro com os olhos doidos de medo, ih, olho enorme de ver... Ô urro!...

Mecê gostou, ã? Preto prestava não, ô, ô, ô... Ói: mecê presta, cê é meu amigo... Ói: deixa eu ver mecê direito, deix’eu pegar um tiquinho em mecê, tiquinho só, encostar minha mão...

Ei, ei, que é que mecê tá fazendo?

Desvira esse revólver! Mecê brinca não, vira o revólver pra outra banda... Mexo não, tou quieto, quieto... Ói: cê quer me matar, ui? Tira, tira revólver pra lá! Mecê tá doente, mecê tá variando... Veio me prender? Ói: tou pondo mão no chão é por nada, não, é à-toa... Ói o frio... Mecê tá doido?! Atiê! Sai pra fora, rancho é meu, xô! Atimbora! Mecê me mata, camarada

vem, manda prender mecê... Onça vem, Maria-Maria, come mecê... Onça meu parente... Ei, por causa do preto? Matei preto não, tava contando bobagem... Ói a onça! Ui, ui, mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não... Eu – Cacuncozo... Faz isso não, faz não... Nhenhém... Heeé!...

Hé... Aar-rrâ... Aaâh... Cê me arrhoôu... Remuaci... Réiucàanacê... Araaã...Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêêê... êê... ê...

(João Guimarães Rosa, De Estas Histórias, Rio, José Olympio, 1962.)